

# *Psicanálise interminável ou com fim possível?* Theodor Lowenkron. Editora Imago, Rio de Janeiro, 2007

ZACARIA BERGE ALI RAMADAM

Professor-associado do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Recebido: 05/05/2008 – Aceito: 09/05/2008

Ramadam, ZBA / Rev Psiq Clín. 2008;35(6):236-8



Quando e como se encerra uma análise? Essa questão, embora de grande importância prática, tem sido sempre cautelosamente evitada pelos psicanalistas.

É, portanto, louvável que o Prof. Lowenkron tenha se dedicado ao assunto, sobretudo numa tese de livre-docência na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de que resultou este livro.

Trata-se de um texto curto, de apenas 76 páginas, incluídos prefácio, introdução e bibliografia, que o autor do prefácio, Joel Birman, considera “fundamentalmente um ensaio clínico” ou “antes de mais nada, uma narrativa clínica, bastante detalhada”.

De fato, é narrativa (condensada, com registro de trechos de algumas sessões) da análise de um único paciente, desde a marcação da consulta, a primeira entrevista, história clínica e desenvolvimento da análise, durante seis anos.

O paciente é um jovem com inibições e conflitos na esfera sexual e no relacionamento com o sexo oposto.

Uma história bastante comum desde sempre, sem nenhuma particularidade que pudesse distingui-la de uma ampla amostragem estatística.

Os diálogos registrados são interessantes, sobretudo porque ilustram as intervenções do analista e seu *modus*

*operandi*. Entretanto, Lowenkron não aborda os aspectos da contra-transferência nem esclarece os motivos da escolha desse paciente, entre tantos outros.

Na discussão do caso e conclusões finais, o autor se cingiu ao clássico referencial freudiano, reportando-se sempre aos textos do mestre vienense, sem acréscimos ou reparos ao que Freud escreveu, 70 anos atrás, no seu clássico “Análise terminável e interminável”.

Nesse texto, Freud considerava que, teoricamente, uma análise é interminável, mas admitindo limitações de ordem prática, o término se verifica quando ambos, paciente e analista, se dão por satisfeitos. *Quantum satis*, a mesma fórmula das antigas prescrições officinais.

Contudo, o trabalho de Lowenkron suscita alguns comentários pertinentes, não apenas à psicanálise, mas à nossa atividade médico-científica em geral.

Começando pela “orelha” da segunda capa, que assinala: “Este livro se baseia na primeira tese em psicanálise aprovada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em concurso público de provas e títulos para livre-docência em Psiquiatria”.

Não é bem assim. Nessa faculdade bicentenária, no início de 1960, Prof. Portella Nunes obteve o título de livre-docente com a tese *Fundamentos da Psicoterapia*,

baseada nas idéias de Freud, com apoio em Heidegger e Binswanger.

Aliás, a tese do Prof. Lowenkron tem uma estrutura dissertativa similar à do Prof. Portella, com extratos de sessões de análise e comentários intercalados.

Quanto ao pioneirismo, cabe lembrar a tese do Prof. Darcy de Mendonça Uchoa, *A estrutura psicológica da neurose compulsiva* (1946), na Universidade de São Paulo, de base psicanalítica. Também de base psicanalítica a tese do Prof. Oscar Resende de Lima (USP, 1974) *Correlações entre intensidades dos instintos e psicoses esquizofrênicas, maniaco-depressivas e epilépticas*.

Não é, portanto, um trabalho pioneiro em Faculdades de Medicina.

Mas o tema de Lowenkron – a duração e término do tratamento – é dos mais relevantes, retomado exatamente após 70 anos da publicação do notável ensaio de Freud (“Análise terminável e interminável”, 1937), sobretudo porque diz respeito não somente à Psicanálise, mas à Medicina em geral. Indagar sobre tratamento interminável ou com fim possível também compete à esfera da hipertensão essencial, diabetes, artrite reumatóide, transtornos do humor, esquizofrenia, neurose obsessiva e muitos outros quadros patológicos.

A sabedoria popular já sentenciou que “a Medicina trata, mas só Deus cura”.

Isto posto, fica evidente que a questão dos tratamentos não está na duração, mas na relação custo-benefício.

Os antigos chineses, quando alguém adoecia, costumavam reunir a família para discutir se convinha pagar um médico ou guardar o dinheiro para um funeral mais digno...

Voltemos, porém, à Psicanálise: Karl Popper negou seu estatuto científico, assinalando sua impossibilidade metodológica de refutação: baseada na observação passiva, desenvolveu conceitos auto-explicativos, sem perspectivas de investigação experimental, num empirismo exacerbado.

Poderia, talvez, situar-se no elenco das chamadas “ciências do impreciso”, como designou Abraham Moles, tais como a economia, as variações da bolsa de valores ou a meteorologia. Tem previsões meramente aproximativas – que poderiam ser testadas com estatísticas, como a física das partículas –, porém não se conhece até hoje nenhum trabalho dessa natureza.

Também não se pode dizer, pela duração de uma análise, o quanto esta tem de terapêutica ou de psicopedagogia.

Muitas vezes, a Psicanálise foi assunto de capa de publicações de prestígio internacional, como *Times* ou *L'Express*, no século 20, que chegou a ser considerado o “século da Psicanálise”; não obstante, outra parcela significativa da mídia, saudando o advento das neurociências, celebrava a “morte da Psicanálise”.

Não se pode negar, com efeito, a grande influência das idéias de Freud na sociedade ocidental, seja nas

artes plásticas (Picasso e Dali), na literatura (Sartre e Faulkner, e Nelson Rodrigues no Brasil), no cinema, na pedagogia dita “não repressora”, na psicologia e, sobretudo, na liberação sexual.

Quando esteve nos Estados Unidos, convidado para pronunciar conferências, Freud afirmou que “trazia a peste” ao novo continente, num anátema digno do profeta Isaías.

Suas idéias, muito controversas, para o bem ou para o mal, constituíram verdadeira “caixa de Pandora”.

Até sua biografia, que foi tema de filme com roteiro de J. P. Sartre, é pontilhada de episódios polêmicos.

O século 20 não foi apenas o “século da Psicanálise”: foi do Holocausto, da bomba de Hiroshima, da guerra fria, do muro de Berlim, da ascensão do terrorismo internacional e outras tantas perversidades intuídas por Freud em “O futuro de uma ilusão” e “Mal-estar na civilização”.

Por outro lado, médicos estudiosos das doenças mentais livraram-se do estigma de “alienistas” e ganharam respeitabilidade como psiquiatras e psicanalistas e os psicólogos conquistaram novo *status* profissional. Contudo, a polêmica não se encerrou: até hoje neurocientistas buscam refutar ou confirmar idéias de Freud sobre memória, sonhos, esquecimentos seletivos, recalques e outros processos psíquicos, tanto quanto os mecanismos do prazer e da sexualidade na vida cotidiana.

Apesar do dogmatismo de alguns psicanalistas, a obra de Freud é muito rica pelas indagações que suscitou.

Como instrumento de investigação científica, a Psicanálise se situa nos modelos de Piaget e Lorenz, da observação passiva, sem intervenção nos fenômenos.

Como instrumento terapêutico, vem progressivamente perdendo fôlego, já que não corresponde às demandas e aos altos custos no contexto social moderno.

Investimento de tempo e dinheiro em cinco sessões semanais, durante quatro a cinco anos, para muitos resultaria em lucro maior se empregado num curso de chinês ou de sânscrito. Não obstante, os verdadeiros neuróticos são incapazes desse tipo de opção, apesar da cultura da internet e do telefone celular. Ademais, a massificação e o consumismo descentralizaram o sujeito e mimetizaram as neuroses, com novos nomes e propostas terapêuticas mais rápidas e sedutoras.

Otto Maria Carpeux, um dos mais brilhantes intelectuais do século 20, que na juventude assistiu a palestras e conferências de Freud, em Viena, escreveu: “Freud demonstrou que nossa consciência não é dona absoluta da nossa organização psíquica, mas tem de contar com o incômodo condômino no inconsciente. É uma das grandes conquistas do espírito humano, queiram ou não queiram os que rejeitam a análise, principalmente os que precisam dela”.

No entanto, advertia: “Há quem queira impedir-nos de levar a sério a psicanálise: são os psicanalistas”.

Com efeito, nas décadas de 1960 e 1970 (quando escreveu esse texto), os congressos e simpósios de

Psicanálise, numa postura arrogante e anticientífica, ainda vedavam a participação de outros profissionais (psiquiatras e psicólogos) que não fossem oficialmente credenciados como psicanalistas pelas respectivas sociedades, no melhor estilo do ritual da maçonaria. Esta fase felizmente passou, deixando alguns resíduos no hermetismo do discurso lacaniano.

Não obstante, as idéias de Freud influenciaram sobremaneira o pensamento moderno: psicologia, psiquiatria, antropologia, pedagogia, literatura e artes em geral.

O conceito de inconsciente funciona como zero na matemática: isolado, nada significa, mas no contexto das funções psíquicas, potencializa e determina comportamentos, produzindo ações e resultados imprevistos.

Entretanto, não é nossa tarefa, nem há espaço aqui para discutir todas as implicações da Psicanálise, e sim o livro que suscitou esses comentários.

A psicanálise não está morta, nem vai morrer. Nem precisa envergonhar-se de tratamentos intermináveis; afinal, também na medicina comum, são conhecidas as patologias crônicas, que demandam tratamentos farmacológicos pela vida inteira. Não se trata, portanto, de meses ou anos de duração, mas de horas semanais

e dinheiro investidos no procedimento, que resulta extremamente oneroso. Mas além de possuir adeptos apaixonados, grande parte de suas descobertas e conceitos foi discretamente assimilada pela psicologia e psicopatologia modernas e difundidas por intermédio das artes e cultura em geral.

Por isso merece, dos psicanalistas, um esforço para resgatar seu espaço no panorama das ciências médicas, em que prevalece o modelo popperiano da “medicina baseada em evidências”.

Entretanto, impõe-se aí a questão metodológica, que demanda um novo paradigma.

Além de colocar em pauta essas e outras questões, o livro do Prof. Lowenkron tem uma qualidade indiscutível: revela, de maneira clara e transparente, o procedimento e as intervenções de um psicanalista freudiano, sem contaminações teóricas de Melanie Klein, Bion ou Lacan, outros teóricos da psicanálise.

Um trabalho científico vale mais pelas controvérsias que suscita do que pelas “verdades definitivas” que proclama.

Afinal, ciência é a permanente reiteração da dúvida.

Por isso, o livro de Prof. Lowenkron, pelo tema enfocado, merece leitura atenta e discussões intermináveis.